

Representações sobre a escola para estudantes do ensino médio das redes pública e particular

Iaércio da Costa Carrer

lcarrer@albertsabin.com.br

Mestre pelo Programa de Pós-graduação em
Educação da Universidade Federal de São Paulo

Marieta Gouvêa de Oliveira Penna

marieta.penna@unifesp.br

Professora do Programa de pós-graduação em
Educação da Universidade Federal de São Paulo

RESUMO

O presente artigo apresenta parte do resultado de pesquisa que visou identificar semelhanças e/ou constatar diferenças na representação sobre a escola entre estudantes do 3º ano do ensino médio de uma escola da rede pública e de uma escola da rede particular da cidade de São Paulo. Para tanto, utilizou-se o referencial teórico de Pierre Bourdieu (conceito de representação) e de Phillippe Perrenoud (ofício de aluno). As informações foram coletadas por meio da aplicação de questionário contendo perguntas abertas e fechadas. Os resultados abrem possibilidades de se estabelecerem convergências e explicitam antagonismos nas representações que os jovens possuem sobre o universo escolar, relacionadas às condições objetivas de escolarização dos estudantes e por sua condição juvenil.

Palavras chaves: Ensino Médio. Juventude e Educação. Representação social.

Social representations of high school students about the education in public and private systems.

ABSTRACT

The research results, which aimed to identify the similarities or detect the differences in the representations about the school by third year High School students of a public and a private schools in the city of São Paulo, are presented in this paper. For this purpose, the theoretical framework of Pierre Bourdieu (conceito de representação) and Phillippe Perrenoud (ofício de aluno) were used as core concepts. The data was collected by the application of a questionnaire with open and closed questions. The results

make it possible to establish convergences and explain antagonisms about the representations the pupils have concerning the school universe, related to the students' schooling objective conditions and perceptions and to their juvenile condition.

Key words: High School. Youthful and Education. Social Representation.

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda parte dos resultados de uma pesquisa a respeito das representações sociais sobre escolarização trazidas por jovens estudantes regularmente matriculados em duas escolas com realidades distintas: uma, da rede pública; e outra, da rede privada de ensino. Investigaram-se diferenças ou semelhanças na forma como os estudantes dessas realidades distintas observam o processo de ensino formal ao qual estão submetidos.

Neste trabalho, juventude é um conceito compreendido à luz de Dayrell (2003); de acordo com esse autor, há diferentes maneiras de ser jovem e de ocupar os espaços na sociedade atual. Para as análises, mobilizaram-se os conceitos de ofício de aluno estabelecidos por Perrenoud (1995), que sinaliza a importância de se compreenderem as formas como os alunos vivenciam a experiência escolar e tecem aprendizagens sobre o jogo jogado nessa instituição. Mobilizou-se, também, o conceito de representação social trazido por Bourdieu (1996), que a entende como construção que se dá a partir do posicionamento dos agentes no espaço social. As informações foram obtidas por meio de questionários aplicados a jovens do 3^a ano do ensino médio de uma escola da rede pública de ensino e de uma escola da rede particular.

O texto está organizado em quatro partes. Na primeira, são resgatados debates sobre a juventude e sobre a relação dos jovens com a escola. Na segunda, são expostos os conceitos de ofício de aluno e de representação social mobilizados nas análises. Em seguida, são apresentados uma breve descrição das escolas investigadas e os dados obtidos com os questionários. Por fim, reflexões a respeito do que se observou.

JUVENTUDE, ENSINO MÉDIO E ESCOLA

Spósito (2005) concebe juventude como fase da vida marcada pela construção das identidades individual e coletiva, a partir da experimentação. De acordo com a autora, a condição juvenil se constrói no contexto da crise das instituições tradicionalmente consagradas à transmissão de uma cultura adulta hegemônica, cujo prestígio tem se debilitado pela não realização dessas promessas, e pela perda da eficácia simbólica como ordenadora da sociedade pretensamente imposta pelas instituições tradicionais.

A juventude assim observada possui, na modernidade, um sentido de moratória, período de espera vivido e relatado pelos que já não são crianças, mas que não se consubstanciam como adultos. Período que se inscreve “como intermediária da fase da heteronomia infantil à completa autonomia (vida adulta)” (SPÓSITO, 2005, p. 89).

Acrescente-se que a juventude se transformou e se constituiu como ideal social, padrão a ser perseguido e mantido. O corpo bem cuidado, a saúde, a possibilidade de sucessivos recomeços afetivos e profissionais são inspirados em modelo e valores associados aos jovens. Prevalece uma espécie de conversão do humano em formato juvenil.

Para Dayrell (2003), a condição juvenil necessita ser compreendida também de maneira individual e reconhecida como trajetórias que não necessariamente compõem um padrão único e monolítico. Para o autor, é recomendável que se entenda o conceito de juventude em seu plural, ou seja, não se sustenta a ideia de uma juventude, mas de juventudes, marcando a heterogeneidade de maneiras de ser jovem e de ocupar os espaços na sociedade atual. Essa noção de enxergar o jovem como algo multifacetado e não único rompe com o imaginário que marcou a forma de interpretar essa fase da vida.

Nesse sentido, uma das imagens mais enraizadas é aquela que compreende a juventude como algo a vir a ser, ou seja, essa fase não é entendida como expressão vivida, mas algo que ainda não se concretizou. É vista como sendo apenas uma transição para o mundo adulto, não é reconhecida como tempo de experiências concretas e sentidas como tal. Nessa perspectiva, a juventude aparece como uma fase para saborear a exuberância da liberdade, momento sem grandes responsabilidades, que sugere a possibilidade de experimentações e que é encarado como período em que são possíveis acertos e erros, caracterizado por um hedonismo reinante e por uma flexibilização na aplicação de sanções dirigidas aos comportamentos tidos como transgressores e intrínsecos aos jovens.

A posição aqui assumida se aproxima da de Peralva (1997, p. 15), que compreende a juventude como sendo, ao mesmo tempo, “uma condição social e um tipo de representação”. É fato que existe um caráter universal presente nas transformações emocionais e físicas características dessa fase de vida. No entanto, é preciso ressaltar que cada sociedade, a partir de seu contexto e valores, irá relacionar-se com as formas de representação e dará significado a esse momento de existência.

Assim sendo, esse período da vida não implica em ser somente a antessala do mundo adulto, tampouco sua evolução se dará em um formato único e linear. A juventude precisa ser entendida, de acordo com Melucci (1992), como uma fase constituída de alterações internas e externas, que marcarão de maneira intensa a vida como ela é e de como se apresentará no futuro.

Outrossim, juventude, a partir do trajeto teórico apresentado até aqui, precisa ser compreendida como um momento que não se caracteriza apenas como uma passagem, mas ganha valor e importância durante a sua existência, tornando-se uma etapa. Esse período sofre influência do meio social e se consubstancia por intermédio das experiências travadas no interior do contexto vivenciado.

Do ponto de vista da relação dos jovens com a escola, para Dayrell (2017), é necessário investigar o papel e o sentido conferidos por eles à instituição escolar, o que torna imprescindível relacionar a vivência escolar aos projetos de vida idealizados pelos estudantes.

Novas indagações são apresentadas: existe correlação entre a vivência escolar e o que mobiliza os jovens na construção de suas escolhas de vida? Além disso, será que a escola

contribui para estimular o interesse dos estudantes na capacidade de “interpretar o mundo” e incentivar os jovens nas instâncias de participação social?

A escola, conforme Dayrell (2017), deveria contribuir para nortear as reflexões e possibilitar um contorno das questões que abrangem tais dilemas de existência. Nesse sentido de análise, foi respeitado metodologicamente o princípio de que os jovens são agentes singulares para a obtenção de evidências sobre o entendimento a respeito do universo escolar, aspecto com o qual a pesquisa comunga.

OFÍCIO DE ALUNO E CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A fim de se investigarem as representações sociais de estudantes do ensino médio sobre a escola, são importantes as considerações feitas por Perrenoud (1995) ao propor uma análise voltada para o cotidiano da escola e para as tensões e relações produzidas no interior dessa instituição. O autor procura identificar a escola como *locus* de conflitos e de construção de aprendizados (competências e estratégias) – por vezes visíveis; por vezes não visíveis – estabelecidos na (con)vivência entre “aluno e professor, entre estudantes e professores” (PERRENOUD, 1995, p. 13).

Esse caminho, pretensamente de formação, produz, segundo a concepção do autor, a constatação de que os estudantes desenvolvem como meios de defesa “contra o poder da instituição e dos seus chefes diretos”, a “astúcia, a subserviência e o fingimento” (PERRENOUD, 1995, p. 17) como ferramentas para afiançar a sobrevivência e a tranquilidade mínimas. Tais condições arraigadas podem provocar “efeitos perversos: trabalhar só para a nota, construir uma relação utilitarista com o saber, com o trabalho, com o outro” (PERRENOUD, 1995, p. 17).

Em face desse cenário, o estudante, para sobreviver no ambiente escolar, adquire e desenvolve uma postura dissimuladora, por um lado, e dissidente, por outro, visando garantir a tranquilidade e não se colocar em risco a partir das sanções previstas para aqueles que ousam transgredir acintosamente as regras do jogo. Dessa forma, o estudante, com o objetivo de apaziguar as expectativas dos adultos e com isso amenizar o mecanismo de controle que impera nessa relação assimétrica, aprende a “viver uma vida dupla”, capaz de representar o *script* esperado. Nesse sentido, para o autor, só é possível reestruturar o ofício do aluno a partir de uma mudança significativa também do ofício do professor (PERRENOUD, 1995).

Existe, segundo o sociólogo, uma imagem equivocada e reiterada do papel da escola na sociedade: apesar do longo tempo de permanência dos estudantes nas instituições de ensino, os adultos tendem a insinuar que essa experiência não representa “uma autêntica vida ativa”, como se, na escola, não se agisse ou se vivesse, mas como se a escola fosse apenas um local de estágio na preparação para a vida madura (PERRENOUD, 1995).

Desconsideram-se, dessa maneira, as relações que são construídas e desenvolvidas durante os anos de convivência escolar. O ofício de aluno, de acordo com essa visão reduzida, estaria relacionado ao preparo para o futuro, ignorando-se as ações e aquisições verificadas durante o processo de formação. Aparentemente, nega-se o presente com a justificativa

de se construir o futuro. A escola, procurando demonstrar a lógica de seu procedimento para preparar o estudante para a vida, entendendo a vida como sendo algo do mundo adulto, propõe atividades previstas em currículos que visam estimular a aquisição de aprendizagens “cuja finalidade é a de promover a compreensão, a memorização, a consolidação, a generalização de certas noções, métodos ou conhecimentos” (PERRENOUD, 1995, p. 20) que estão no cerne do ofício de aluno.

Na arena onde o duelo acontece e no processo de “aprendizagem” do ofício de aluno, o estudante incorpora, conforme Perrenoud (1995), os “saberes e o saber-fazer, os valores e os códigos, os hábitos e as atitudes” que conferirão as condições para a sobrevivência no ambiente escolar, preservando-se de eventuais decepções e criando as condições para transitar sem maiores sequelas e dissabores. Assim procedendo, o aluno indica que assimilou “as regras do jogo”.

O estudante, portanto, em seu percurso escolar, ao deparar-se com uma estrutura que impõe a ideia de um padrão de excelência ou sucesso, fica exposto aos riscos do fracasso. Caso não siga as “orientações escolares”, desenvolve uma relação “estratégica ou tática com a escolarização e logo uma relação utilitarista, ou até mesmo cínica, com os saberes” (PERRENOUD, 1995, p. 22), pois compreende que, para obter “bons resultados”, precisará “moldar-se” ao discurso oficial defendido pela escola.

Caberá ao estudante, na lógica da sobrevivência anteriormente descrita, “contornar, escapar ou negociar” a aplicação das regras impostas, de maneira secreta ou subliminar, evitando dar visibilidade às ações de resistência, pois, do contrário, colocar-se-á sob risco de severa punição do sistema escolar. Nessa vivência, o aluno constrói suas representações sobre a escola, que são também marcadas por seu contexto familiar de origem.

Para Bourdieu (1996), é por intermédio das representações sociais que cada agente adquire a capacidade de “percepção, pensamento e ação”, condições estas que emolduram a maneira como apreendem o mundo, dão contorno às práticas cotidianas e constroem as maneiras como se relacionam com outros agentes.

Bourdieu (1996) parte do pressuposto de que as representações sociais são tingidas pelas crenças, ideologias, valores, impressões e ideias que marcam a visão de mundo a partir do pertencimento de classe na qual vivem os agentes. Nesse sentido, as representações sociais são princípios que norteiam as condutas e se consubstanciam na linguagem e nas formas de comunicação. Estão presentes, também, nas formas de interpretação religiosa e no senso comum do dia a dia. Compõem o *habitus* de cada agente e marcam os agentes nos campos sociais, nas classes sociais e nos grupos que frequentam.

O conceito de representação social carrega uma origem histórica e coletiva. Os indivíduos expressam esse universo de valores introjetados em todas as formas de interpretação sobre o mundo. Os pontos de vista são sempre carregados de visões particulares influenciadas pela história e pelo conjunto de preceitos que antecedem o agente.

Não obstante, as representações sociais são amplamente fortalecidas ou influenciadas pelas estruturas sociais nas quais os agentes estão inseridos, contribuindo para a reprodução, de forma inconsciente ou consciente, dos valores prestigiados nos campos e defendidos na sociedade.

PERFIL DAS ESCOLAS DAS ESCOLAS INVESTIGADAS E COLETA DE DADOS

A seleção das escolas para a realização da pesquisa baseou-se nas realidades distintas existentes entre elas, no que se refere aos âmbitos econômico, geográfico e social, tendo em vista a intenção de captar a representação dos estudantes sobre o universo escolar a partir de universos e experiências possivelmente contrastantes. A escola particular está localizada no coração financeiro da cidade e da América Latina, que reúne sedes de várias empresas e instituições bancárias. Possui excelentes instalações físicas, assépticas e bem organizadas. As salas de aula, biblioteca, sala de informática, laboratórios e dependências esportivas demonstram investimento e cuidados exemplares. Atualmente, conta com 2400 estudantes, da educação infantil ao ensino médio. Há coordenadores para cada dois anos, inspetores, seguranças, equipe de limpeza e manutenção, além de dois diretores acadêmicos e um diretor administrativo.

A escola pública está situada no extremo noroeste da cidade, na fronteira do bairro do Jaraguá com o bairro de Perus, nas franjas do município de São Paulo. Trata-se de uma das oito escolas municipais de São Paulo organizadas para atender estudantes do ensino médio. Apresenta estrutura portentosa se comparada às das residências e moradias do entorno. É marcada por precárias condições de manutenção. Possui 1300 estudantes matriculados e distribuídos nos ensinos fundamental e médio. A escola conta com um diretor, duas coordenadoras pedagógicas e um número de funcionários visivelmente diminuto para o universo de estudantes e atividades desenvolvidas na instituição.

Para a coleta de dados utilizados na pesquisa, foi aplicado um questionário para um total de 34 estudantes do 3º ano do ensino médio em cada uma das escolas anteriormente descritas, em turmas indicadas pela coordenação pedagógica. Esses questionários, compostos por questões fechadas (de múltipla escolha) e abertas, levantaram aspectos sobre a compreensão que os alunos possuem sobre a escola.

REPRESENTAÇÕES DOS JOVENS SOBRE A ESCOLA

Apresentam-se, a seguir algumas, características dos estudantes do ensino médio nas duas escolas com realidades distintas, a fim de se analisarem suas representações sociais sobre a escola.

O universo pesquisado, conforme citado anteriormente, apresentou 68 estudantes vinculados ao 3º ano do ensino médio, sendo 34 estudantes em cada escola. No caso da instituição de ensino público, participaram 15 meninas e 19 meninos. No colégio particular, 16 meninas e 18 meninos.

Na escola pública, no momento da pesquisa, 28 estudantes contavam 17 anos; quatro jovens, 16 anos, e dois estudantes, 18 anos. Na escola particular, 25 estudantes tinham 17 anos; seis, 16 anos; e três declararam ter 18 anos. Aproximadamente os dois grupos, da escola particular e da escola pública, possuem a mesma faixa etária.

A fim de se assinalarem algumas diferenças entre as condições de vida dos sujeitos investigados, ressaltam-se as respostas quanto à inserção no mercado de trabalho. Enquanto

apenas um estudante da escola particular declarou trabalhar, 13 jovens vinculados à escola pública afirmaram que estão trabalhando. Além disso, oito estudantes, também da escola pública, declararam que já trabalharam e informaram, no momento da pesquisa, que estavam desempregados. Os dados contrastam também quanto ao índice daqueles que nunca trabalharam ou procuraram emprego: 33 jovens, dos 34 pesquisados, ligados à escola particular, declararam jamais terem trabalhado ou procurado emprego frente a 13 estudantes vinculados à escola pública nas mesmas condições.

Nas respostas verificadas no item renda familiar, explicitou-se uma enorme distância na realidade vivenciada entre os agentes investigados. No caso dos estudantes vinculados ao ensino privado, para além dos estudantes que se recusaram a responder, existe um predomínio das famílias desse universo com rendas situadas na faixa de entre 10 a mais de 20 salários mínimos (25 casos). No caso dos estudantes da escola pública, os dados apresentaram que as famílias desse universo, exceto dois pesquisandos, situam-se na faixa de renda familiar entre 1 e a 5 salários mínimos.

Ao serem interrogados sobre se é bom ou não ser jovem, 20 estudantes da escola particular ressaltaram que ser jovem tem mais coisas boas; 13 estudantes da escola pública apresentaram a mesma posição. No polo oposto, 11 estudantes da escola pública destacaram que existem mais coisas ruins em ser jovem. No mesmo quesito, apenas dois estudantes da escola particular manifestaram a mesma opinião.

Para os estudantes da escola pública, as questões relacionadas às drogas (14 menções) e à violência (três citações), explicitando suas condições objetivas de vida, são as piores coisas do ser jovem. Para os jovens matriculados na escola particular, as piores coisas de ser jovem estão relacionadas à falta de liberdade (citado em nove questionários) e a questão sobre drogas (seis menções).

Registrou-se que, dos 34 dos estudantes matriculados na escola particular, 32 sempre estudaram em escolas privadas. No caso dos estudantes da escola pública, dos 34 que participaram da pesquisa, 30 sempre estudaram na escola pública.

A fim de se compreenderem as representações que possuem sobre a escola, esses jovens foram interrogados sobre se a escola ensina a lidar com aspectos da vida e do futuro profissional. Verificou-se predomínio da percepção da escola como espaço importante para tal, tanto entre os estudantes da escola particular quanto os da escola pública: 25 de cada bloco afirmaram como muito importante o papel da escola no desenvolvimento de questões ligadas à vida e ao processo de formação profissional.

Sobre a conexão da escola com a realidade, observou-se que 20 estudantes da escola pública destacaram esse aspecto como sendo algo muito importante, seguido de 15 jovens da escola particular que enxergam a questão da mesma maneira. No entanto, vale ressaltar que 14 estudantes da escola particular consideraram que essa vinculação da escola com a realidade é mais ou menos verdadeira. Tal posicionamento foi corroborado também por 11 jovens vinculados ao ensino público.

Ao serem interrogados sobre se a escola ensina a lidar com aspectos do cotidiano, observou-se que a escola se apresenta distante da realidade para 11 jovens da escola particular contra 3 estudantes da escola pública. Além disso, 19 estudantes da rede privada mencionaram

que a escola se preocupa “mais ou menos” com as coisas do dia a dia. Essa opção foi acompanhada por 16 estudantes da escola pública. Na contrapartida desse posicionamento, ressaltou-se que, para 14 alunos da escola pública, a escola está atenta à realidade e fornece subsídios para lidar com as questões do cotidiano. A mesma afirmação foi escolhida por apenas 4 estudantes da escola particular.

Fazer amigos foi um aspecto aparentemente mais valorizado pelos estudantes da escola pública: 12 respondentes sinalizaram a preocupação da escola em criar condições para a constituição das amizades. Na mesma linha de raciocínio, 5 jovens da escola particular consideraram a escola como ambiente que se preocupa mais ou menos com o “fazer amigos”. Para seis estudantes da escola particular, a escola se preocupa pouco com a tarefa de constituir experiências que favoreçam o “fazer amigos”. Na escola pública, 5 estudantes pensaram da mesma forma.

A escola como espaço primordial no processo de capacitar o estudante para entrar na faculdade pareceu ser quase uma unanimidade para os estudantes da escola particular: 32, dos 34 entrevistados, reconheceram esse papel da escola. Embora com um número inferior, esse aspecto consagrado à escola também foi reconhecido por 24 jovens da escola pública.

As respostas obtidas na pesquisa reforçaram os dados obtidos nas dissertações e teses investigadas por ocasião do levantamento realizado para aprofundar a compreensão sobre a temática escolhida. Tanto na pesquisa ora desenvolvida, quanto nos resultados das dissertações e teses investigadas, para a maioria dos estudantes, o pertencimento a uma instituição escolar representa uma possibilidade, quase garantia, de um futuro mais confortável, compreendendo essa definição como algo que promoverá condições de sobrevivência e de melhor qualidade material de vida.

A pesquisa revelou que poucos estudantes, tanto da escola pública quanto da escola particular, acreditam que a escola atende muito aos anseios da faixa etária: dois jovens da escola privada e quatro da escola pública apontaram nessa direção. De maneira geral, grande parte dos estudantes demonstraram que a escola não se demonstra sensível ao fato de compreendê-los: 14 de cada instituição alegaram que a escola os entende “mais ou menos”; 13 jovens da escola particular consideraram que a escola os entende pouco, 11 estudantes da escola pública consideraram o mesmo. Além disso, 4 jovens da escola pública apontaram que a escola nada entende da realidade juvenil, como também 5 estudantes da escola particular possuem a mesma interpretação.

Uma parte expressiva dos estudantes consideraram que a escola está atenta às questões da atualidade: 15 provenientes da escola particular e 10 oriundos da escola pública. Demonstrando uma posição mais moderada, porém significativa, 18 estudantes da escola pública consideraram que a escola está mais ou menos sintonizada com os temas atuais e 15 jovens da escola particular possuem a mesma opinião.

Sobre o quanto a escola se preocupa com os problemas dos jovens, 18 estudantes da escola particular e 17 da escola pública consideraram que a escola se preocupa mais ou menos. Resultado semelhante se constatou, entre os alunos das duas escolas, quanto ao fato de considerarem que a escola pouco se preocupa com os problemas juvenis. Registrou-se, porém, em contrapartida, que sete estudantes da escola particular reconhecem que a escola se

preocupa muito com os problemas dos jovens; bem como quatro estudantes da escola pública pensam a questão da mesma forma.

Resultado expressivo e semelhante reuniu o posicionamento dos estudantes quanto ao nível de participação dos jovens nas decisões da escola: 32 dos estudantes da escola particular e 31 estudantes da escola pública consideraram fundamental participar das decisões das decisões da escola.

Pergunta relevante para se constatar o nível de proximidade entre professores e estudantes revelou o seguinte cenário: 22 estudantes da escola pública consideraram que os professores estão dispostos a ouvir e ajudar os jovens às vezes. No caso dos estudantes da escola particular, 10 revelaram a mesma posição. 12 estudantes da escola particular e 10 jovens da escola pública consideraram que os professores estão sempre dispostos e atentos às necessidades dos estudantes. Apenas 2 estudantes da escola particular e 1 jovem da escola pública revelaram que nunca os professores estão dispostos a atender as necessidades juvenis.

Ao serem interrogados sobre se a escola promove eventos, as respostas sinalizaram um predomínio das atividades esportivas no caso da escola particular, citadas por 21 estudantes, seguida de debates, fato lembrado por 8 jovens. Na escola pública, 10 estudantes mencionaram que a escola não promove nenhum evento. Em contraposição a este posicionamento, 9 estudantes ressaltaram a organização de eventos teatrais e 8 lembraram das atividades esportivas organizadas na escola pública.

Com relação ao acesso à informação, o reconhecimento sobre a importância do papel da escola em possibilitar ações importantes para a formação dos jovens foi explicitado por 27 estudantes ligados à escola particular e 25 dos estudantes da escola pública.

Além das questões objetivas, as percepções dos estudantes sobre a escola foram coletadas por questões abertas. Com os dados obtidos a partir das questões abertas, foi possível tecer algumas considerações acerca das opiniões mencionadas pelos estudantes.

Com as respostas dos estudantes da escola pública, ao serem questionados sobre a comparação de um local com características e aspectos equivalentes ao ambiente escolar, nos 34 questionários aplicados, obteve-se o seguinte cenário: a maioria declarou que a escola é um local com características de grande desordem, falta de respeito entre estudantes e professores; um local perigoso, onde a bagunça predomina. O ambiente também foi comparado pejorativamente a um espaço de permanente balbúrdia, no sentido de amontoado de situações fora de controle tanto por parte de funcionários, quanto de educadores da escola, causando uma sensação permanente de perigo e tensão em todos que frequentam o espaço. Apareceram, também, 16 respostas que não estabeleceram comparação. Houve um respondente que apenas citou grande diferença entre a escola particular e a escola pública, pois o mesmo transferiu-se do ensino particular para o sistema educacional público, tendo assim a oportunidade de realizar a comparação.

Do ponto de vista dos estudantes da escola particular, ao serem questionados sobre a comparação de um local com características e aspectos equivalentes ao ambiente escolar, dentre 34 participantes, 10 estudantes associaram o sistema carcerário como espaço mais próximo ao do ambiente escolar, e 22 jovens demonstraram insatisfação com as experiências

vivenciadas no ambiente escolar. A maioria declara a escola como sendo um local com diversas regras ditatoriais, com pouco ou nenhum vínculo afetivo com funcionários e revelaram a ausência de acolhimento e preocupações com sentimentos dos estudantes, enxergando a escola somente como local onde se visa o aprendizado com enfoque no vestibular, exercendo pressão e cobrando resultados dos estudantes.

Na perspectiva de análise, e à luz do referencial teórico, é possível inferir que o cotidiano escolar, a partir dos relatos, é revelador das tensões e das relações produzidas no interior dessa instituição. A imagem da escola associada à prisão, como local de grande desordem, espaço perigoso, ambiente desrespeitoso e com pouco vínculo afetivo, por exemplo, promove, conforme Perrenoud (1995), a necessidade de os alunos desenvolverem – como mecanismos de defesa – ferramentas para possibilitar a sobrevivência e a tranquilidade mínimas. E tais relatos sugerem, também segundo Perrenoud (1995), uma tensão e uma “diferença entre o que está nos programas e o que acontece nas aulas” (PERRENOUD, 1995, p. 161).

As respostas sinalizaram a necessidade de vínculo entre estudantes, professores e funcionários com o propósito de minimizar os efeitos nocivos dos conflitos e estabelecer um nível mínimo de convivência e coexistência. Está presente, também, sobretudo nos relatos dos estudantes da escola particular, a ideia da escola como um espaço de competição, de cobrança e pressão. Evidenciaram que os estudantes, por crença ou conveniência, acabaram por internalizar os ditames escolares, a fim de, conforme Perrenoud (1995), flertarem com as práticas necessárias para a administração dos resultados e da desejosa aprovação curricular.

Para os estudantes da escola pública, ao serem solicitados a descrever a escola a um extraterrestre, 28 estudantes responderam frisando que o meio escolar é um ambiente que tem como principal função a formação acadêmica. Citaram que existem regras e normas “que deveriam ser cumpridas”, porém, no parecer dos entrevistados, o funcionamento do colégio é percebido como um local de desordem, embora essencial para o desenvolvimento intelectual. Aparece com força a imagem do ambiente escolar como um local de “baderna”, desorganizado e sem estrutura. Seis estudantes não responderam.

No caso dos estudantes da escola particular, verificou-se, a partir das respostas, que os 34 respondentes consideraram o meio escolar como sendo um ambiente que tem como principal função a formação acadêmica, mas também como um espaço que impõe regras e normas a serem cumpridas. No parecer dos entrevistados, o funcionamento do colégio é percebido como um sistema de ensino rígido e exigente, o que causa desconforto e estresse aos educandos. O ambiente escolar é comparado fortemente com uma “prisão” e definido como instituição com grande preocupação e enfoque no vestibular. Para 32 estudantes, a escola serve como um meio de passar conhecimento aos estudantes, garantir a formação acadêmica, e, dado o foco nos vestibulares, é útil para garantir o futuro dos jovens em “boas universidades”. Não deixaram, entretanto, de registrar insatisfações quanto ao fato de a escola “visar somente a formação acadêmica em detrimento de formar o lado humano de seu educando”. Para muitos dos entrevistados, “a vida é muito maior do que o vestibular”.

As respostas reforçaram novamente os aspectos trabalhados por Perrenoud (1995) no que se refere ao percurso que o estudante estabelece em sua relação com a escola: desenvolve práticas para administrar e conquistar resultados, incorpora os “saberes e o saber-fazer,

os valores e os códigos, os hábitos e as atitudes” (PERRENOUD, 1995, p. 64). Em suma, o estudante adquire um modo de proceder que sinaliza que assimilou as “regras do jogo”.

Além disso, quando relataram que, apesar das insatisfações com o currículo, a escola é importante para criar as condições de ingresso em boas universidades, revelaram possuir a concepção de caráter utilitarista que, segundo Perrenoud (1995), também permeia a convivência entre o estudante e a escola, configurando a existência das estratégias para “jogar o jogo”, constituindo assim, o ofício do aluno.

Ao serem solicitados a mencionar o que mais chama a atenção na escola, as respostas dos estudantes da escola pública foram diversificadas. Dentre elas, ressaltam-se a desorganização do colégio, o desrespeito de estudantes e professores e a falta de estrutura. Contudo, na contramão do desânimo e pessimismo reinantes, 5 estudantes citaram as matérias de Artes, Geografia e História, como destaques admirados e que fazem diferença em suas vidas.

Para os estudantes da escola particular, sobre o que mais chama atenção na escola, as respostas também apareceram diversificadas. Dentre as anotações mais frequentes, ressaltou-se a pressão exercida nos estudantes para obtenção de resultados no vestibular. Além disso, o sistema educacional do colégio, considerado como ditatorial pelos estudantes e a sensação de que os professores ministram conteúdos inúteis também apareceu com força e merece ser destacado. No lado oposto a críticas anteriores, 9 estudantes citaram a relação interpessoal, o convívio entre estudantes e o laço afetivo criado no ambiente escolar, como destaques.

Novamente apareceram respostas que sugeriram insatisfação com a relação assimétrica presente no interior das escolas, sem que houvesse, em contrapartida, registros de sanções em massa ou de sinalização de forte oposição entre estudantes e escolas. Por um lado, verificaram-se críticas contumazes às regras rígidas presentes nas escolas; por outro, constatou-se a ausência de advertências ou suspensões configuradas.

Nesse sentido, os resultados abrem a possibilidade de interpretar a relação estabelecida naquilo que Perrenoud (1995) definiu como sendo o desenvolvimento de uma postura dissimuladora e dissidente construída pelo estudante para poder sobreviver no ambiente escolar. Assim procedendo, o estudante, com o objetivo de apaziguar as cobranças dos adultos e diminuir as tensões daí provocadas, aprende a “viver uma vida dupla”, capaz de representar o roteiro desejado e de se preservar das sanções previstas por aqueles que se arriscam a transgredir as regras do jogo.

Na questão aberta que pergunta aos estudantes se eles deixariam de frequentar a escola, caso seus pais consentissem, observou-se, nos discentes da escola pública, que a totalidade dos estudantes optou por continuar participando do ambiente escolar, pois possuem a percepção de que o conhecimento transmitido por intermédio da escola é importante e porque acreditam que uma boa formação acadêmica trará um futuro profissional e pessoal que possibilitará uma qualidade de vida superior à do momento em que se encontram.

No caso dos estudantes da escola particular, a maioria dos participantes optou por continuar frequentando o ambiente escolar, pois partem do pressuposto de que o colégio oferece as condições necessárias para uma “boa formação acadêmica e para obter um futuro profissional e pessoal de sucesso”. Somente 2% optaram pela ideia de não frequentar o colégio, sem justificar sua opinião ou mencionar as razões dessa opção.

As respostas reafirmaram as impressões captadas nas respostas objetivas, como também nos resultados dos trabalhos sobre a temática analisados inicialmente: para boa parte dos estudantes, pertencer a uma escola significa a possibilidade, quase segurança, de um futuro promissor.

PARA FINALIZAR

A análise levou em conta a heterogeneidade e a homogeneidade das respostas fornecidas pelos jovens diante das questões levantadas, e observou-se que os jovens provenientes de realidades tão diferentes demonstraram aproximação em vários pontos de investigação.

Sobre as percepções que os jovens possuem sobre a escola, manifestaram as seguintes aproximações: consideraram e reconheceram a escola como um local muito importante na formação do futuro profissional; sinalizaram que a escola é, para eles, um espaço muito importante para capacitá-los na compreensão e no entendimento da realidade. Não obstante, ressaltaram que a escola se apresenta distante da realidade ou das coisas que eles fazem no dia a dia.

Um dos pontos de maior homogeneidade e convergência nas respostas foi o aspecto relacionado ao papel da escola. Boa parte dos jovens das duas escolas, particular e pública, reconhece que a escola possui como um dos principais papéis (senão o principal) o de preparar os estudantes para o acesso ao curso superior. Compartilharam a impressão de que a escola entende mais ou menos, ou pouco, a realidade dos jovens. Demonstraram aproximação expressiva quanto ao fato de considerarem fundamental a participação dos jovens nas decisões da escola.

Ao solicitar aos jovens que comparassem o ambiente escolar com qualquer outro ambiente, a ideia predominante foi a de associar a escola ao sistema carcerário. Relacionaram a escola a uma prisão, por exemplo, e descreveram o ambiente escolar como um local tingido por leis ditatoriais, de pouco vínculo afetivo, local de grande desordem e de presença marcante de sinais de desrespeito. O ambiente escolar é também visto, a partir dos relatos dos alunos das duas distintas realidades, como espaço onde se exerce muita pressão na relação estabelecida entre os educadores e educandos e canal necessário para a aquisição de conhecimentos solicitados para a continuidade dos estudos no ensino superior.

A coleta de dados por meio dos questionários possibilitou também identificar vários aspectos que marcam a distância e as diferenças entre os dois grupos de jovens investigados. A primeira diferença tornou-se visível quanto à inserção dos jovens no mercado de trabalho. As informações sobre a renda familiar foram reveladoras da desigualdade de condições existentes entre os dois grupos de pesquisa.

Enquanto a maior parte das famílias dos estudantes da escola pública sobreviviam com até cinco salários mínimos, parcela significativa das famílias dos estudantes da escola particular viviam com mais de vinte salários mínimos.

Outro fator que diferencia os olhares entre os dois grupos é a maneira como entendem se os professores estão dispostos a ouvir e ajudar os alunos. Para 22 dos estudantes da

escola pública, os professores estão dispostos a atendê-los às vezes e, para 12 estudantes da escola particular, os professores sempre estão disponíveis para atendê-los. Aqui, as condições de trabalho dos professores podem auxiliar a compreender as respostas, aspecto a ser aprofundado em outras pesquisas.

A partir dos resultados da pesquisa, foi possível inferir que os jovens, tanto da escola pública quanto da escola particular, apresentaram sinais de insatisfação com a escola, mas, ao mesmo tempo, valorizaram sua importância e seu papel na formação para o enfrentamento dos desafios vindouros. Com relação aos dados sobre o papel da escola no processo de socialização, ela se destacou com um espaço importante de convivência e de socialização. No entanto, apareceram também respostas críticas por parte dos estudantes.

As respostas dadas pelos estudantes revelaram uma crença muito forte no papel da educação como via de acesso a uma vida mais confortável e segura. A escola aparece como uma instituição que porta e difunde fortemente a ideologia meritocrática, contribuindo para mascarar as desigualdades e a naturalizar as diferenças sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set/out/nov/dez. 2003.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007

MELUCCI, Alberto. FABBRINI, Anna. **L'età dell'oro**: adolescenti tra sogno ed esperienza. Milano: Feltrinelli, 1992.

PERALVA, Angelina. **O jovem como modelo cultural**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, ANPEd, n. 5/6, p. 12-25, 1997.

PERRENOUD, Philippe. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar**. Porto: Porto Editora, 1995.

SPÓSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

Submetido em: 30/10/2017

Aceito em: 30/09/2018